

Trabalho e subjetividade – o espírito do toyotismo na era do capitalismo manipulatório

ALVES, Giovanni. *Trabalho e subjetividade – o espírito do toyotismo na era do capitalismo manipulatório*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2011, 168 p.

Por Bruno Chapadeiro Ribeiro¹

Resultado de um profundo estudo sobre as engrenagens de envolvimento e sujeição do trabalhador no espaço laborativo e os processos de produção, o livro *Trabalho e Subjetividade – o espírito do toyotismo na era do capitalismo manipulatório* revela as influências de uma nova modalidade no mercado: a “empresa enxuta” ou “flexível”. Com olhar crítico sobre as novas tendências no ambiente de trabalho, Giovanni Alves desvenda em seu novo livro um tema crucial na reestruturação produtiva do século XXI: a subjetividade do homem que trabalha.

Giovanni Alves é doutor em ciências sociais pela Unicamp, livre-docente em sociologia e professor da UNESP, campus de Marília. É pesquisador do CNPq com bolsa-produtividade em pesquisa e coordenador da Rede de Estudos do Trabalho (RET) e do Projeto Tela Crítica. É autor de vários livros e artigos sobre o tema trabalho e sociabilidade, entre os quais *O novo (e precário) mundo do trabalho: reestruturação produtiva e crise do sindicalismo* (Boitempo Editorial, 2000) e o recém-lançado *Trabalho e Subjetividade – o espírito do toyotismo na era do capitalismo manipulatório* que é derivado de sua tese de livre-docência e o qual pretendemos abordar ao longo deste texto.

Giovanni nos coloca que a trajetória de reestruturação do processo produtivo implica constante ampliação do excedente econômico por meio de profunda mudança na base técnica e nos métodos de gestão da força de trabalho. Em um contexto hegemonizado pelo pensamento neoliberal, o autor constata a estreiteza de parte da literatura, comprometida com a oferta do que ele chama “visões cor-de-rosa” das configurações do mundo do trabalho atual.

O novo modelo de gestão do trabalho vivo incorpora os movimentos de inovações tecnológicas do capital e das possibilidades técnicas abertas naquilo que Alves vem chamar de Quarta Revolução Tecnológica, que possui como matéria social as inovações sóciometabólicas. Para o autor, as condições deste sócio-metabolismo da barbárie (ou processo de dessocialização do trabalho vivo) elaboram o substrato simbólico (e emocional) dos consentimentos hipotéticos do novo modelo de produção do capital. Em substituição à coisificação típica da produção maquinal do taylorismo-fordismo, que formou a chamada sociedade industrial durante o século XX, surgindo uma nova lógica de controle e organização do trabalho, designada pelo autor como a “captura” da subjetividade.

Dessa forma, com seu novo livro, Alves busca explicitar esse significado do nexo essencial do toyotismo, da “captura” da subjetividade do trabalho vivo pelo capital, tratando dos mecanismos mediativos intra-empresa (novas formas de jornadas e contratos de trabalho, de remuneração e trabalhos em equipes) que o sustentam, e do significado da categoria de “subjetividade” constituída pelas instâncias psíquicas da consciência/pré-consciência e inconsciente.

A nova planta produtiva, baseada no “espírito do toyotismo”, combina ampliação do maquinário técnico-científico-informacional, intensa exploração do trabalho, aumento da informalidade e perda de direitos, e é capaz de se apropriar ainda mais efetivamente do intelecto do trabalho, utilizando conceitos cada vez mais presentes na realidade do trabalhador. As células produtivas, o trabalho em equipe, os círculos de controle de qualidade, as polivalências e as multifuncionalidades, as metas e as competências, os ‘colaboradores’, os ‘consultores’, os ‘parceiros’ são denominações cuja substância, para o autor, se encontra na razão inversa de sua nomenclatura.

O estudo de Giovanni Alves ainda nos revela novos conceitos e críticas relacionados à psicologia das pulsões no trabalho e a um sistema de controle do metabolismo social, que articula em si e para si, de modo contraditório, mente e corpo do homem que trabalha. Muito utilizada por István Mészáros, depois de Marx, a noção de metabolismo social é ponto de partida para Alves organizar, no plano teórico, importantes elementos que explicam as novas conformações da reestruturação produtiva do capital no século XXI. Para isso, sugere algumas categorias novas como sociometabolismo da barbárie, cooperação complexa, Quarta Revolução Tecnológica, valores-fetichismo, expectativas e utopias de mercado, inconsciente estendido e compressão psicocorporal, salientando as implicações corporais da desefetivação do trabalho vivo no capitalismo flexível, com a disseminação da doença universal do estresse.

De fato, interessa ao autor salientar a afinidade compositiva entre sociometabolismo da barbárie (o complexo social de dessocialização e desefetivação do ser genérico do homem que surge a partir da degradação ampliada do mundo do trabalho) e vigência da acumulação por espoliação, principalmente no plano do metabolismo social. As práticas sociais de acumulação por espoliação, o conjunto de coerções e apropriações de capacidades, relações sociais, conhecimentos, hábitos de pensamento e crenças, além da apropriação e da cooptação de realizações sociais e culturais as mais diversas, constituem hoje elementos das inovações sociometabólicas do capital. Elas constituem um tipo de sociabilidade pautada na cultura do medo que visam a composição de um ambiente social (e emocional) propício para os novos consentimentos pressupostos do novo modelo produtivo.

Portanto, uma das hipóteses levantadas por Alves, é que existe um vínculo orgânico entre acumulação por espoliação e as novas práticas empresariais de “captura” da subjetividade do trabalho vivo e da força de trabalho, com destaque para a ampla gama de mecanismos organizacionais de incentivo à participação e envolvimento de empregados e operários na solução de problemas no local de trabalho. A apropriação/espoliação da criatividade intelectual (ou emocional) não apenas de empregados e operários, mas de clientes, consumidores e usuários de produtos e serviços instigados a “agregar” valor à produção da mercadoria são exemplos do que o autor chama de “sociabilidade de predação” que caracteriza o metabolismo social do capitalismo global.

A vigência do toyotismo, cujo nexos essencial é a “captura” da subjetividade do homem que trabalha, despertou no autor a necessidade de esclarecer, numa perspectiva dialético-materialista, a natureza dessa “captura”, indo além, portanto, do impressionismo sociológico que a sustenta, apresentando um breve painel da totalidade social concreta dentro da qual surgiu o novo complexo de reestruturação produtiva do capital.

Nos capítulos que compõem o livro, Alves coloca alguns elementos histórico-estruturais que caracterizam a nova ordem sistêmica do capital nas últimas décadas do século XX: no capítulo 1, o autor trata das dimensões do novo complexo de reestruturação produtiva que surge sob a “acumulação flexível” e nas condições da produção complexa do capital (inovações organizacionais, tecnológicas e sóciometabólicas). Neste capítulo salienta-se o caráter inédito do novo complexo da reestruturação produtiva do capital esclarecendo o significado do que Alves vem a chamar de “cooperação complexa” da produção do capital.

A constituição das redes informacionais como nova base técnica da produção de mercadorias tem promovido importantes alterações no processo de trabalho e na produção do capital. Por exemplo, a denominada “empresa em rede” e a constituição do novo trabalhador coletivo alteraram o modo de controle do trabalho capitalista. Alves salienta que ao reconstituir pelas redes informacionais, o trabalhador coletivo, o capital integra, com maior intensidade e amplitude, o “todo orgânico” da produção de valor, constituindo uma confluência de energias capazes de dar um salto representativo na produtividade do trabalho social, exploração da força de trabalho e extração de mais-valia como nos demonstra a produção industrial nas últimas décadas.

Já no capítulo 2 destaca-se que o nexos essencial do novo modelo de produção do capital é a “captura” da subjetividade. Por isso, o autor dá importância a esclarecer os significados da sua natureza intrínseca e traz o conceito de “espírito do toyotismo” que permeia o novo complexo de reestruturação produtiva do capital discutindo as inovações organizacionais do capital, salientando o novo “modelo de gestão” do trabalho vivo caracterizando de modo breve, o que considera ser os princípios organizacionais e o “espírito do toyotismo” para além de sua gênese sócio-histórica.

Sob o “espírito do toyotismo”, o trabalho continua não dando satisfações imediatas ao operário ou empregado, embora Giovanni nos lembre que o discurso dos novos métodos industriais não seja mais aquele, como no taylorismo-fordismo, que buscava transformar o homem produtivo em “gorila amestrado”, como salientara Gramsci. Pelo contrário, o discurso do “gerenciamento pós-moderno” impregnado do espírito do toyotismo, busca tratar os operários ou empregados como “colaboradores” que executam um trabalho em equipe. O local de trabalho tornou-se um local de aprendizagem contínua que requer da equipe ou time (team), inteligência instrumental e atitude pró-ativa na resolução de problemas. O supervisor nesse caso seria como o treinador do time. O toyotismo é, então, expressão daquilo que o autor chama de “racionalidade cínica” que caracteriza as sociedades capitalistas na etapa de crise estrutural do capital. Uma “racionalidade cínica” que visa a estabilizar uma situação que, em outras circunstâncias, seria uma típica e insustentável situação de crise.

No capítulo 3 Alves trata daquilo que ele denomina “Quarta Idade da Máquina”, a base técnica das inovações tecnológicas do capital que incorporam as sinergias da “sociedade em rede” e das possibilidades técnicas abertas por essa Quarta Revolução Tecnológica. As “máquinas” informacionais propiciam um salto qualitativo no processo sócio-técnico daquilo que Giovanni chama de Quarta Idade da Máquina:

elas se tornam não apenas “máquinas” de produção, mas “máquinas” de reprodução social, apresentando à nossa capacidade de representação estética exigências cada vez maiores. Por isso elas se incorporam (e constituem) redes de virtualização nas instâncias de consumo e de manipulação social. As “máquinas” informacionais estão no processo de produção, constituindo o arcabouço técnico-organizacional dos grupos industriais como “empresa em rede”, mas também nos novos produtos-mercadorias como “tecnologia embarcada” que permeiam nosso cotidiano. Elas embasam o “todo orgânico” da produção do capital. Para Alves, se a Terceira Revolução Tecnológica, caracterizada pela revolução informática, das novas máquinas automatizadas com microprocessadores, destruiu as formas anteriores de relações contratuais, a Quarta Revolução Tecnológica, a seguir, a revolução das redes informacionais e das tecnologias de informação e comunicação construiu a nova precariedade salarial articulada, de forma orgânica, com as técnicas de gestão toyotista.

No capítulo 4 o autor examina o toyotismo que se desenvolve na época da mercantilização universal em que se coloca, de forma intensa, a coletivização do valor. Na ótica do valor, a sociedade burguesa torna-se uma imensa fábrica. Por isso, Alves nos lembra que a hegemonia social do toyotismo ocorre pela constituição de uma gama de valores-fetiches de cariz mercantil que se disseminam pelos meios de comunicação social. Na verdade, o mercado é alçado à instância estruturante da vida social. O discurso da economia política liberal impregna a nova racionalidade social.

Com as inovações sócio-metabólicas constituídas pela abundância de valores-fetiches que atingem a sociedade burguesa e pelos nexos ideológicos do novo produtivismo que se disseminam pela sociedade burguesa, executa-se o movimento da empresa para a vida social e da vida social para a empresa (valores sociais do mundo da vida que impregnam e constituem o mundo-sistema da empresa). É derivado disso que Alves nos diz que a reestruturação geracional dos coletivos de trabalho coloca, como um aspecto importante do dispositivo de “captura” da subjetividade do trabalho, o esquecimento de experiências passadas, o apagar de memória de lutas e resistências e a construção ideopolítica de um novo mundo de colaboração e de consentimento com os ideais empresariais que constituem o “espírito do toyotismo”.

Finalmente no capítulo 5, intitulado “A ‘captura’ da subjetividade”, Alves nos diz que a idéia de “captura” da subjetividade implica, por um lado, a constituição de um processo de subjetivação que articula instância da produção e instância da reprodução social. Por outro lado, o processo de expropriação/apropriação da riqueza complexa da subjetividade humana, que surge nas condições históricas do processo

civilizatório tardio, exige um aprimorado mecanismo de manipulação social. Porém, o autor se interessa por destacar as mediações da organização do trabalho capitalista que contribuem para a “captura” da subjetividade pelo capital, isto é, os mecanismos de contrapartida salarial (as novas formas de pagamento) e de gestão da organização do trabalho (o trabalho em equipe) que sedimentam os consentimentos dessa “captura”. Segundo Alves, os elementos mediativos da “captura” da subjetividade do trabalho no processo de produção do capital sob o toyotismo devem ser apreendidos em seus vínculos orgânicos com os valores-fetiches e disposições subjetivas que surgem no sócio-metabolismo da barbárie.

Por fim, no apêndice intitulado “A subjetividade às avessas – inconsciente entendido e compreensão corporal”, a título meramente exploratório conforme explana o autor, este disserta sobre o significado da categoria de “subjetividade” constituída pelas instâncias psíquicas da consciência/pré-consciência e inconsciente, além de tratar das nuances da “captura” do corpo e da mente, salientando a nova implicação corporal que se manifesta no que ele chama de compressão psico-corporal. Como traço da desefetivação do trabalho vivo no capitalismo flexível, o autor trata com séria pontualidade a questão da doença universal do estresse. Alves coloca que a produção do capital é também produção (e negação) de subjetividades humanas. O sócio-metabolismo do capital é constituído por processo de subjetivação que formam as individualidades de classe. Os tipos humanos, que a sociedade burguesa produz, forma e deforma, têm em si, na mente e no corpo, impressas a marca do fetichismo da mercadoria. A individualidade de classe, na medida em que é a negação da individualidade pessoal, tensiona ao limite de sua própria negação a subjetividade humana.

Desse modo, o autor finaliza sua obra colocando que, se o estresse, como reação natural do organismo diante de situações de perigo ou de solicitações externas inesperadas, é um elemento constitutivo da atividade humana, tendo em vista que a atividade do trabalho possui sempre um componente de desconhecido, o excesso de estresse que surge na civilização do capital e que se vincula a situações de estranhamento/alienação, de perda de controle da atividade social, e do agudo fetichismo que se dissemina na sociedade produtora de mercadorias nega a plena atividade laboral humana, ou seja, torna-se aquilo que o jovem Marx indicara como desefetivação.

Em suma, enquanto em *O novo (e precário) mundo do Trabalho* (2000) Giovanni Alves explorava analiticamente os distintos modos de ser da condição de precariedade, em *Trabalho e Subjetividade – o espírito do toyotismo na era do capitalismo ma-*

nipulatório (2011) ele procura desvendar algumas das complexas engrenagens do envolvimento e da sujeição – designadas por ele como a “captura” da subjetividade –, que atualmente constituem amplamente os espaços laborativos em todos os âmbitos da geração de valor.

Nota

- 1 Psicólogo pela UNESP-Assis. Mestrando em Ciências Sociais pela UNESP - Marília, com a pesquisa “Trabalho e Gestão através do Cinema”. Responsável pelo Diário do Trabalho vinculado ao Observatório Social do Trabalho (OST). Pesquisador-colaborador da Rede de Estudos do Trabalho (RET) e do Grupo de Pesquisa “Estudos da Globalização” (GPEG). Membro associado da Associação Brasileira de Psicologia Organizacional e do Trabalho (SBPOT). E-mail: bruno-chapadeiro@yahoo.com.br

Submetido em março de 2011, aceito em junho de 2011.

